

SERRA-PILAR

www.serradopilar.com | 1 Advento, 27.11.2022 | ano 47º | nº 2289

**atenção,  
mantenham-se acordados!**

**advento**

**Vem, Senhor Jesus!**

***Maranatha!***

# Pregão de advento

ANUNCIO-VOS QUE COMEÇOU O ADVENTO.  
Alçai a vista, esfregai os olhos, observai o horizonte.  
Dai conta do momento. Apurai o ouvido.  
Captai os gritos e sussurros, o vento, a vida...



Começamos o Advento,  
e uma vez mais renasce a esperança no horizonte.  
Ao fundo, já clareando, o Natal.  
Um Natal sossegado, íntimo, pacífico,  
fraternal, solidário, encarnado,

também superficial, desgarrado, violento...;  
mas sempre casado com a esperança.  
É Advento, essa criança esperança  
que todos levamos, sem saber como, nas entranhas;  
uma chama tremelicante, impossível de apagar,  
que atravessa a espessura dos tempos;  
um caminho de solidariedade bem percorrido;  
a alegria contida em cada trajecto;  
umas marcas que não enganam;  
uma gestação cheia de vida;  
anúncio contido de boa nova;  
uma ternura que transborda...  
Estai alerta e escutai.  
Cheio de esperança grita Isaías:  
«Caminhemos à luz do Senhor».  
Com esperança apregoa João Baptista:  
«Convertei-vos, porque já chega o reino de Deus».  
Com a esperança de todos os pobres de Israel,  
de todos os pobres do mundo,  
sussurra Maria a sua palavra de acolhimento:  
«Faça-se em mim segundo a tua palavra».  
Alegrai-vos, saltai de júbilo.  
Vesti o vosso melhor traje.  
Perfumai-vos com perfumes caros. Que se note!  
Deus vem. Avivai a alegria, paz e esperança.  
Preparai o caminho. Já chega o nosso Salvador.  
Deus vem... e está à porta.  
Despertai para a vida!

# reorientar a nossa vida

**N**em sempre é fácil dar um nome a este mal-estar profundo e persistente que podemos sentir em alguns momentos da vida. Assim me foi confessado em mais de uma ocasião por pessoas que, por outro lado, procuravam «algo diferente», uma luz nova, talvez uma experiência capaz de dar nova cor ao seu viver diário.

Podemos chamá-lo de «vazio interior», insatisfação, incapacidade de encontrar algo sólido que leve ao desejo de viver intensamente. Talvez

seja melhor chamá-lo de «tédio», cansaço de viver sempre o mesmo, sensação de não acertar com o segredo da vida: estamos enganando-nos em algo essencial e não sabemos exatamente em quê.

Às vezes a crise adquire um tom religioso. Podemos falar de «perda de fé»? Não sabemos já em que acreditar, nada consegue iluminar-nos por dentro, abandonamos a religião ingénuo de outros tempos, mas não a substituímos por nada melhor. Pode então crescer em nós uma sensação estranha:

ficamos sem qualquer chave para orientar a nossa vida. Que podemos fazer?

A primeira coisa é não ceder à tristeza nem à crispação: tudo nos está a chamar para viver. Dentro desse mal-estar tão persistente, há algo muito saudável: o nosso desejo de viver algo mais positivo e menos falso, algo mais digno e menos artificial. O que necessitamos é reorientar a nossa vida. Não se trata de corrigir um aspeto concreto da nossa pessoa. Isso virá talvez depois. Agora, o importante é ir ao essencial, encontrar uma fonte de vida e salvação.

Por que não paramos para ouvir essa chamada urgente de Jesus para despertar? Não

necessitamos escutar as Suas palavras?

«Mantenham-se acordados», «percebam o momento que estão a viver», «é hora de despertar». Todos temos que nos perguntar o que estamos a negligenciar na nossa vida, o que precisamos de mudar e a que precisamos de dedicar mais atenção e mais tempo.

As palavras de Jesus são dirigidas a todos e cada um: «Vigiai». Temos de reagir. Se o fizermos, viveremos um desses raros momentos em que nos sentimos «despertados» desde o mais profundo do nosso ser.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA  
1 Advento – A (Mt 24, 37-44)



# Apócrifos nos mosaicos de Santa Maria Maior

A recente publicação dos evangelhos apócrifos, em esmerada tradução do reconhecido Prof. Frederico Lourenço (Quetzal, 2022), fez-me revisitar o arco triunfal da Basilica de Santa Maria Maior, em Roma, no qual os mosaicos do século V recolhem inspiração em narrativas dos apócrifos. Constituem não só um eco das afirmações do concílio de Éfeso (431), mas mostram como ainda fervilhavam nas comunidades as informações provenientes de textos fora dos quatro evangelhos.

A Igreja escolheu incluir no cânone das Escrituras quatro evangelhos, considerados os mais antigos e difundidos nas comunidades cristãs. A filologia moderna, em larga medida, aprova que sejam os mais representativos da mensagem de Jesus. Os apócrifos ou “escondidos”, porque usados em grupos particulares e não lidos na liturgia, oferecem acrescentos populares, exageros teatrais, narrativas

mirabolantes, com gosto pelo maravilhoso. Estes detalhes constituíram fonte de inspiração da literatura e de artistas. Geralmente citam-se Giotto, Dante Alighieri e pinturas medievais, como os frescos de Castelseprio. Contudo, a enorme ressonância dos apócrifos na iconografia confirma como as lacunas da narração bíblica satisfaziam o interesse dos cristãos pela infância de Jesus e pela vida de Maria e de José.

O evangelho de Tiago e o Pseudo-Mateus são particularmente ricos de episódios acolhidos na arte. Bastaria lembrar o boi e burro do presépio, a gruta e manjedoura, o número dos Magos, os nomes dos pais de Maria, Joaquim e Ana, para verificar como alguns dados se tornaram património cultural do cristianismo, embora estejam ausentes dos quatro evangelhos.

Ora, poucos referem que, já nos meados do século V, os mosaicos de Santa Maria Maior mostram Maria a fiar a púrpura para o véu do templo na cena da Anunciação (Evangelho de Tiago, p. 43; Evangelho do Pseudo-Mateus, p. 143), bem como, na cena do anúncio de anjo, o bastão de São José que floresceu e foi assim escolhido para desposar a virgem Maria (Evangelho de Tiago, p. 39, Evangelho do Pseudo-Mateus, p. 139). Imagem 1

Entre os milagres descritos na fuga da família de Nazaré para o Egito, destinados a demonstrar a divindade de Jesus, os mosaicos representam o encontro, ocorrido em Sotina, do magistrado Afrodísio com o Menino Jesus e seus pais, depois de ter feito ruir todos os ídolos do templo da cidade (Evangelho do Pseudo-Mateus, p. 177-181). Imagem 2

Já entre os séculos XII e XIII houve um interesse por estes textos, em parte por eruditos como a *Historia Scholastica* de Pedro Comestor (1169-1175) e em obras de notável divulgação, como o *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais (+1256) e a *Legenda Aurea* de Jacopo da Varazze (+1298).

Em boa hora o público português tem acesso a textos que, além de serem curiosos e reveladores de uma mentalidade ansiosa por pormenores milagreiros, são a fonte de muitas representações iconográficas, das quais relevo apenas estas, das mais antigas.

D. CARLOS DE AZEVEDO. Delegado do Conselho Pontifício para a Cultura.  
Texto retirado do seu FaceBook (10.11.2022).

# Maran atha

EU SOU SENHOR AQUELE QUE SENTE  
frios ainda os pés nas estações  
com que nos chega o tempo sucessivamente  
Nada me fica na alma nem a tarde de praia  
quando o vento tinha  
uma linguagem nas barracas  
Não há coração em mim para a folha que morre  
e ando a matar uma por uma até  
alegrias simples como a certas horas  
reparar que temos um corpo  
determinamos uma sombra  
e ocupamos um espaço que nos leva  
a estar aqui agora nesta rua  
e não noutra parte

Homem levantado e caído  
setenta vezes sete vezes por dia  
que morte me quer para além  
de deixar cair os braços?

Eu que te vi e revi descer solene  
como um raio sobre o meu destino  
que te dei um lugar mais definitivo  
em minha boca do que a folha de outono  
teve na calçada  
quando de vez vieres que será de mim?  
E tenho a ousadia de morder-te  
à superfície do dia. Tu bem sabes  
que catedral de esperança te reservo  
Talvez já amanhã nos não saudemos sob as árvores  
e venhas sobre as nuvens  
sobre o coração sobre a morte sobre mim

**RUY BELO** (1933-1978). Foi um dos mais importantes poetas e ensaístas portugueses do pós-guerra